

André de Sena

**BOSQUES
DA
MOIRA**





André de Sena

**BOSQUES
DA
MOIRA**

Poemas bárbaros



DRACO

Copyright © 2005 by André de Sena

Poemas catalogados na Fundação Biblioteca Nacional, RJ, Brasil

S 869-91b

Sena, André de, 1975 -

Bosques da Moira / André de Sena. - Recife;

Draco Publicações Fantásticas (editora do autor), 2005.

ISBN: 85-209-0466-4

Índice para catálogo sistemático:

I. Literatura Brasileira: Poesia / Poesia fantástica

Direitos reservados ao autor. Proibida a reprodução total ou parcial sem prévia autorização.

Draco Publicações Fantásticas

Contatos pelo e-mail: bosquesdamoira@yahoo.com.br ou pelo website www.bosquesdamoira.cjb.net

Printed in Brazil Novembro de 2005

A flor

A flor começa com o dia.
A rosa, opressa pela noite,
na luz expele seus demônios
e sonha o ser nos quadros.
No ar, alheia sintaxe,
tintas de pó, ouro e luz,
anjos de cores voam
com corcovas de dragões
e bífidas línguas serenas.
O mundo escuro alegra a rosa
sublunar,
liberta em reino de luz acrisolada.

Girassóis de água

Girassóis de água
evocam etéreos gênios
em raios de estrelas.
A sombra se desfaz em giros
e a noite e a clara luz
de encantamento
divertem-se rindo.

A mágica estrada de álamos brancos!

Fui à região extrema onde se adquire,
para melhor morreremos,
uma etérea imortalidade.
Desvario da harmonia, a própria alma,
resposta ao desígnio profundo
que caberia em mortal palma,
no recesso das formas,
no labirinto da alma.
Onde se esconde o altaneiro olhar
das praças de si esquecidas
e, longa, a paz das avezinhas.
Onde não há terno céu
sem cor antiga
e ansiamos da sombra o véu,
a sombra, a sombra,
estranho pássaro, cantiga.
Sonho em que permaneço:
estrada de flores olentes,
sem fim, nem começo.

Um poeta

*"A cítara do poeta rivaliza com a
espada do guerreiro"*

· Alcman (Séc. VII a.C.)

Com pó da fada, ideal,
magia insana como o horizonte
(por mais que ande
finda o andar mas não o achamos);
além do ser, além do mal,
julga ter a bacia dos profetas.

Dourado rei dorme agora, altivo
e a vazia órbita do cego.
O poeta os verá, dançando
entre lampejos.

Cospe treva, entoar (sombrio cantor,
eremita de asas escuras)
e clama aos que voam, instruídos pelas musas,
levando algo para seus castelos,
por sacras claves que petrifiquem as fontes.

Do céu decai um vento

Do céu decai um vento
de velhos arvoredos.
Adormeceu com lamentos
das estrelas todo medo.
Quanta calma, no claro raio
que prestes me enlouquece!
Bendigo a lua e saio
de meu corpo que adormece.
Sobre sonhos,
lagos que as asas refletem,
caí no abismo
de uma convulsão de água e Letes.

As ninfas do sono

Ninfas envasilhadas em árvores
gemem belas lendas elitrópicas.
Ventos, pela distância ouvidos,
ecoam inexistente direção
(purificam seus corpos o bem e o mal).
Espero luas, vapores,
junto aos animais alados
que se vão, gritando,
carregando o fardo de mais um dia.
A bela lua, no mar, em nadir,
entre as nuvens derruba estranhas lágrimas.

Noturna

"Vá, busque entre as fábulas!"

Bocaccio

Trêmulos esqueletos e lares.
Flutua um véu
e esconde o macio azul dos ares.
Beija a terra a noite dos céus!
Espíritos da vista gotejam cristais,
ogros caolhos dão vida aos vitrais.
Dorme o sol no berço em chamas do horizonte
e a águia dourada mergulha a asa no oceano escuro
e em insetos que dançam vejo o futuro.

Siameses

Elevaram-se à ciência
os placentários,
a quem duas consciências
dotou a estranheza
em profundo segredo
e arranjos vários,
mas apenas um corpo a natureza.



É a mão dela

É a mão dela que apaga,
enquanto os cães dormem,
os passos da fenecida praia
e suspende o orbe
como a poeira escura
do mundo que gira, gira,
flocos de sombra nos ares.
O pensamento,
camaleão que tudo vira,
suspende em si
como ondas nos mares.
Amor e treva
no páramo dos sentidos avulta
e, holográfica cavalgada,
leva a vida, que me leva.

Lembras o coração azul

Lembras o coração azul de uma estrada
e de teus olhos sai a legião de leprechaus
que ela margeia.

Zéfiro sussurrante, transparente,
orvalhas flor, driade e basilisco.

De teu seio brotam estrelas,
quadrantes da razão solar,
hipocampos dançam num raio de sol
e transbordo como peixes
que se afogam no próprio elemento.
Sem medida, anulas o líquido abismo
que aos céus suspende, separando-os de mim.

Enquanto eu lia um conto de ar

Enquanto eu lia um conto de ar,
tecias auroras, desertos em cascatas
e entretias alísios com trenos tão suaves
que nem os ventos se lembravam.
Eram segredos nossos dias,
lanternas de cantos noturnos,
graves e estranhos...
O céu a terra não se ligava
e o vento, seu louco menino de ar,
ainda nomos não ensaiava.
Fátua espada, faca temperada na corrente,
divino farol, que ao mar me lançava,
amando de assassinas ondas forjar.

Auto-retrato

*"Numerosos são os portadores de tirso,
mas poucos os bacantes"*

Platão

Aprecio sons,
feiticeiros,
a água,
bonifrates.
Chorando a lenda verde
de degolados vates,
duma nau em chamas
me serve a imagem.

Solidão de relógios

Solidão de relógios.
O ponteiro se liquefaz
gota a gota,
ao arfar da nebulosa.
Cada golpe de som
já não pode ser achado
enquanto o badalar percorre ruas antigas
como se, em seus fins,
fosse encontrar algo de quando partiu.
A noite dos relógios!
Quando toda estrela é ponteiro
e cai, solitária.

Fantasma de som

Fantasma de som, girassóis de nuvens,
risos de cobre, veias de prata e jasmim.
As ruas são ventos e correm na mata -
a mata corre e faz o vento -
canto as que teus passos embalam.
Cortinas de raios, andaimes da lua,
crestar da imensidão, vôo pelo vazio
(teus olhos, o tempo é sal,
perdi um grão de ouro musical
da harpa dórica de teus cílios).
Taverna sem som, dupla primavera,
limite de árvores, garrafa cheia e aberta.
A clareira é paço de estranhas luzes,
sonho aberto numa arcádia de ramos,
que projeta teu corpo de nu azulado.

1789

Exigia a tranqüilidade de dois espelhos que se contemplam.
Erguia vôos com a alegre doçura de um pássaro vendado
e respirava a boa solidão deste alcance.
Deixava seu labirinto a cegos guardiões
pensando respirar cascatas mais elevadas.
Desejava todo brilho conjugado,
dos infernais à estrela polar
e seus lábios, líquens, serviam como taça perfeita
e seus cabelos eram às vezes cachos de uva.
Morreu decapitada, após horríveis torturas.

Do silêncio

O silêncio percorre colunas e portais
criança nua, sem dentes
sombra sem passo que a cada passo
aclara com arte um enigma.
O silêncio passou pela janela, clarim,
anunciando lutas em breve,
grandes batalhas contra jardins.
O silêncio passa novamente,
não me contenho, grito.
- Para dentro da árvore,
vamos para dentro da árvore!
E fui com o silêncio para dentro da árvore.

Feiticeiras saem da sombra

*"O que foi, torna a ser. O que é perde essência.
O palpável é nada. O nada ganha essência".*

Goethe (I Fausto)

Feiticeiras saem da sombra.
Gemidos de gato e gravetinhos saltadores
formam a estrada que flutua iluminada
e as conduz como vassouras.
Pálida a lua sonha em ser vassoura
e nuvens choram como gatos.
Pedras se encolhem.
Vales viram o rosto.
A lua se enche de narizes,
borboleta incolor e gemem os pássaros.
Somente a sombra, apartada da sombra,
compreende a dor dos salgueiros.

E cruzamos os olhos extintos

E cruzamos os olhos extintos
do crucifixo de dois velhos arbustos
e cantaram as areias do céu!
O arco da noite, prece e gemido
e a lua, amarelo riso cheshire.
Evocava o vento dormências.
Na estrada assombrada
criava torvelinhos lunares,
elevando um punhado de areia,
reparando o vazio dos olhos
que não mais punham a dormir
aparições de elmos antigos.
Da noite aquática, submersa,
odiamos o arco-íris sem cor
e a esfera assombrada
e fomos areia por instantes.

Saio pela noite

Saio pela noite, leve e tranqüila
e tenho por destino uns lábios.
Pelos estradas onde banha a lua
estranhos espantalhos
e lagartos pedem ajuda,
o mesmo vento que morrerá
no jardim de suas tranças.
Saio pela noite, leve e tranqüila
e tenho por destino uns lábios.

Da antiga igreja

Da antiga igreja dos três sinos
ouvem-se cânticos vindos do lago
e de suas bocas as salamandras
cospem fátuos ensinamentos.
A árvore que se curva pensativa
é como uma aurora sem luz
e são morcegos que me atravessam
as estrelas, ondas e vultos do lago.
Luminosas charretes saltam no fundo
e um povo azulado o circula
por cima das árvores.
Correnteza de flores, pássaros gigantes,
crianças engarrafadas.
A noite, lamento azul e um lago.

A fonte seca

Sinfonia acabada
em escuro murmúrio de fonte,
me conduzia ao alto.
Na fonte, que sons refletia,
lia os perdidos versos de Sófocles
(as algas do fundo)
e pensamentos esquecidos
pelo encanto filtrado da luz.
Dedos de galho me alimentavam;
eu era uma árvore dentro de um rio.
Etérea forma, onde jazes?
Dentro dos montes?
Dentro de mim?

Vem

Deslembrar de André, André,
como o flautista que dorme
na sombra, entre as flores.
Faetontes, mostremos para a noite
um tempo indistinto de luzes,
qual nova Ulalume.
Eia, o falcão de meus olhos,
úmido arcanjo dos bosques,
invita-nos outra vez ao pântano úmido de Auber,
para a floresta assombrada de Weir!
Guiemo-nos, lembranças sem sombra,
só por indecifráveis estandartes.
Vem, sozinha, pela montanha de cristal
que salta dos olhos,
criar novos pentagramas de céu!

Ai, que todo livro que compomos

*"Cette vieille chanson couleur de feuille morte,
que le vent aigre pousse en sifflant sous ma porte"*

Lebesgue

Ai, que todo livro que compomos
é o que gostaríamos de ter lido!
O meu terá páginas de sombra
e o musgo e a erva encadearão letras
prenhes de orvalho.
Trará o riso dos porões abandonados,
o rebrilhar das flores murchas de papel;
odores de galhos moribundos
e a beleza de barcos que assaltam o céu.
Será filho do esquecimento
como a vida e a estrofe esquecida.
(Lembrará em tudo a casa antiga,
bela e abandonada).
Cantará as baladas do empalador
mas embalará bebês feitos de cinza.
Como um corcéu que vence a aurora,
germinará sementes de assombração
e protegerá amantes nas encruzilhadas.

Ousaste cantar

Ousaste cantar uma alegria impronunciável
e nossos lábios secaram em desespero.
Então a procissão de estrelas carpideiras
iluminou pela última vez
o riso de um querubim de feitiço.
Não mais passos no salão do dia
(apenas a monodia do eco
de um vão suspiro no da noite).
Agora buscamos santuários,
mas não existem fora dos quasares.
Dia a dia acompanham nossa queda
em lamento e fuga de paisagens solidárias.

Ars poetica

Pássaros cantam, despertando flores
antes murchas na janela.
É quando sinos luminosos tocam
e anunciam a hora especial
em que montado num cisne deslumbrante
entrarei naquela primavera,
na pupila das crianças.
Hora em que legião de seres
me circunda os ombros invisíveis,
alimentando-me a escrita
cem vozes, noturnas
canções de um tempo esquecido.
E a lua se balança, triplíce e una,
acorrentada a lição de jasmíns.
Por sendas cristalinas,
um jardim extraordinário
cercado por mosaicos e espelhos
em cujos limites dragões ecoam mármore
e peixes confundem ares sonâmbulos.

São tantas as luas

São tantas as luas,
tãntos os sóis,
tanta a lividez da estrela
tantalizante!
Um soldadinho pousou em meu dedo
e ouvimos a música do escuro.
Um soldadinho pousou em meu dedo
e destruí a morada do vidro.
Um soldadinho pousou em meu dedo
e os móveis fizeram música.

Com a cabeça decepada

Com a cabeça decepada vi-me um dia
devassando o útero dos montes,
erguendo-me a mim
como a um pássaro beligerante.
Onde meus pés tocaram ergueram-se punhais
que alimentaram exércitos de flores.
Castelos chorões desciam da lua
e a terra gritava em perigo.
O vento era a alma
e o corpo era a terra, soprada.

Limbo do escuro

Limbo do escuro, do vazio e do ar;
te esconjuro, licantropo mar,
na dimensão em que trevas abraçam a luz
cantos do mal e presságios anunciar!
Franjas dos lagos, quimeras dos campos,
venham assustar crianças em pânico
apagando o sol como o escaravelho
e encantar donzelas com os próprios espelhos.

BIBLIOTECA CURURU: Este livro não é para guardar
É para ler e passar adiante. Deixo-o, "perdido", na
próxima esquina, no banco do jardim, na cadeira de
consultório, de modo que outros possam ler. Veja
como é, uma campanha do Jornal de Poesia:
www.jornaldepoesia.jor.br

Cavaleiro

Aonde ela ia,
um cavaleiro, noutra dimensão
a seguia.

Pelas ruas, pelas serras,
cavernas, pradarias,

aonde ela ia,
um cavaleiro, noutra dimensão
a seguia.

Pelos quartos da casa,
voando na noite,
no leve trotar do dia,

aonde ela ia,
um cavaleiro de sonho
a sombra estendia.

Acordada, dormindo
ou entre a turba vazia;
sempre ao seu lado
mas ela só o sentia.

Certa vez pôde vê-lo
e, sem saber quem era,
o amou sem porfia.

Descobriu-se feliz
mas fugiu certo dia.

E foi sem saber
que era eu o cavaleiro
que sempre sentia.

Genealogia

Um pássaro negro, com o estranho hábito
de cruzar majestoso, prateando céus fugidios,
desliza por eles movendo o silêncio.
É meu irmão que vem das chamas,
da ferida verde da floresta.
Somos filhos do bonsai
em que nosso pai se transformou
quando caiu o rosto do céu.
Nosso avô era raio lunar
que fecundou abóbadas em sonhos
e se suicidou.
A mãe, célebre trepadeira,
pitonisa de todos os altares.
As avencas, sábias primas,
se envaidecem no muro
e enlouquecem ao vento.
São estes os parentes
e alegres cruzamos o ar.
O resto inexistente, por não participar
do segredo do mar, da flor e do abismo.

Lobo, aos olhos do ocaso

Consagrei-me lobo aos olhos do ocaso
e ao sentido das árvores
em toda tarde que a si assassina.
Mesmo sob a terra
posso sentir o cheiro carmesim
e sopra a seiva uma aurora sangüínea.
Quando o céu se enche de enforcados
e o céu a si assassina.
Rondo o ocaso, lobo faminto
e amolecem as árvores presas
que não alçam seu dorso de luz.
Anseio a lua, lâmpada calma no túnel da noite,
enquanto Harpélion, o da alquimia,
transmuta em ouro montes dormentes.
E neste inferno só me resta o canto.
Não me ouves, forasteiro,
entre os sonhos da velha colina?

O Antecessor

Morri, mas habito entre vós.
Estou aqui e posso estar noutra parte
planando como sonho duplo, eterno,
como em certa noite dourada
eu, leão, tu, cascata,
acalentávamos num só sonho
a mesma brisa
e a dama azul voava sobre os campos,
liquefazendo-os.
Agora árvores estendem braços para a lua
e montes anseiam virgens suicidas.
Sob cada encruzilhada, estacas no peito,
tatuadas esfinges dormem um limbo lázuli;
sob cada rio e borda de céu curvilíneo,
o palíndromo olhar de uma constelação nova.
Morri, mas habito entre as fontes.
Taxidermista das tardes, enólogo das chamas,
canto onze bodas químicas
como em certa noite dourada
tu, raposa, eu, a velha sob o lago,
a dama azul voava sobre os campos.

Da profecia do sono

A todo descuidado profeta
que deixa cair sua amada,
um cometa declina do cosmos;
a todo descuidado profeta,
perde-se um cavalo de sua manada
e uma andorinha breve
cavalga um lobo de acônito e beladona,
retirando uma seiva sussurrante.
Mudam-se os tempos,
a geografia da cidade orvalhada,
só a profecia do sono permanece,
sempre e nunca mais.

Éolo

Todas as coisas levou o vento
e até os mortos já levitam;
podemos agora explorar
o reflexo que tinham de campo.
Antes de enamorar-se de arbustos,
dançou Éolo entre pingos de chuva,
lambendo portões enferrujados
e a face dos gigantes que domaram
cercas e canteiros molhados de meu sono.
Ali o séqüito alucinado
a sair de arbustos miraculosos
e trespassar vinhas jamais anunciadas.
Onde sou silêncio, me adornam os arbustos;
inquietação, se aterrorizam.

Ao som dos tritões

Ouço ao longe,
nas ondas sonolentas,
a voz dos tritões
entre as correntes.
Restam, em silêncio,
esponjas aromáticas
e a caverna dá
o seu uivo final.
Só se abre o mar
com cantos aéreos,
esverdeados,
que fazem da concha, dia.
Ouvindo-os,
pranteiam meus olhos ouriços
e a língua, vagas de delfins.
Sei que percorrem o mar
alheios tritões em coches de vento.
Uma tarde esmaecida
paira na inexistência de alma,
mas é bem vinda.

Da vida dos pássaros

Quando o tetraédrico sol
(cuja majestade de pão e peixe,
disseminada até pela escuridão,
voa com os corvos)
é ocultado por nuvens de pássaros
e a tarde desbota, imagem antiga,
doce é caminhar na relva úmida
pisando serpentes com pés descalços.
Ciosos de chuva,
calendários entortam árvores,
alagados e ervaçais,
numa atmosfera que a água solidifica.
Saltam visões das crateras abertas;
arcanjos em carvalhos, florais cornamusas,
arbóreos tormentos, balés de teias negras.
Sobre a gruta anil está o unicórnio
e, mais acima, a gralha que lhe roubará os olhos.

Não deito raízes

Não deito raízes no belo mundo e sombrio,
busco antes a lupercal seiva do espanto
e o sal das marés que agitam, escondidas,
ciclones noturnos.

Já trago em mim ventos consagrados,
loureiros que dançam com a tempestade,
vítreos cavaleiros e lanças diagonais.

Trago em mim o oculto das palavras
que retirou figuras de um livro
e flutuou entre elas.

Sou a mão que desce do teto
e arremessa a argêntea taça gigante.

Criaturas encantadas
agora banham-se nela.

A balada do caminhante

Eis o vinho...
Ali, a bolsa...
Parto, pois de nada mais preciso.
Abençoados sejam os caminhos
que levarão a errática sombra
em torno da sombra interior.
Vou, que sol e lua repartiram raios
para velar-me a chama
e não temo leões que habitam curvas,
nem os que adormecem em mim...
eles temem, pois esperam.
Eis o vinho...
Sobre o moinho,
a rosa dos ventos eleva um canto metálico.
Levo minha carga de poeira para onde quiser.

BIBLIOTECA CURURU: Este livro não é para guardar.
É para ler e passar adiante. Deixo-o, "perdido", na
próxima esquina, no banco do jardim, na cadeira do
consultório, de modo que outros possam ler. Veja
como é, uma campanha do *Jornal de Poesia*:
www.jornaldepoesia.jor.br

Dos loucos

Uma corja de polichinelos na sala clara,
de epitáfios escuros.
Trazem, sob carapuças roubadas,
folhagens de bosques proibidos,
epigramas de olhos turvos,
pasquinadas e chocalhos.
Quisera estar entre eles
e cantar ursos furiosos,
casas que palestraram com o dia,
aves que fingem ser.
Mas no alto da ravina
somos apenas eu e a aurora
a deitar assombrações como peregrinos.
Mesmo assim, meu sopro os alcança
e entre loucos sou chuva de guizos.

De milagres

Fala-me da verdade de teus milagres
que te revelarei os meus.
Que o vento pariu um deserto,
o deserto, miragens
e a criança de ontem agora dorme
entre a fúria de brilhantes castiçais.
Milagres só poderão ser comprados com areia
e magnetizados para outras gerações.
Fala-me dos teus,
que saberei partilhar com mansidão
de todas as nuvens, de toda a barbárie,
de todo auspício dotado pela fenda.

De Safos nos abismos

Lançam-se os dias
como Safos nos abismos.
É bom morrer com a noite,
a noite total, que perfumará sua chaga.
Morremos noites seguidas e não só
empalados, enterrados vivos, crucificados.
Todas as tardes,
quando a corda do oceano
narra sua epopéia antiga
e as abelhas expectoram melíferos ninhos,
esfaqueio a alma das constelações
e morro como a cítara de um dia.

Da barcaça do mundo

Onde vê a nuvem
irrigada por gordos zéfiros
enxergo a vela
da barcaça do mundo hasteada.
Onde divisas árvores
encontro mastros, estais e
o grande oceano é para mim
como pia onde lavo o rosto,
após vomitar um arco-íris.
O musgo e a urtiga,
que te impelem à distância,
são cartas fiéis, estrelas fixas
a deitar olhares no espaço.
Numa inexistência de âncoras,
na barcaça canto e amotino raios de sol
como reflexos de espadas.
Numa desistência de portos
(portos não há, nem em outros mares),
na barcaça bebo, canto e rio,
acompanhado pelo que não dorme -
o amoroso pesadelo,
pois sei do Maelstrom.

Manhãs de novembro

Nas manhãs de novembro
a consciência da natura
cria alvas escadas no céu
em branca e mesma diagonal.
Vão entre cantatas e esferas
com minha cota celestial
e túnica de raios,
separadas da fonte pela corda de uma visão.
Vão sobre ondas matinais.
Ofereço-lhes a solidez de ser,
dentro da manhã,
como uma distância entre os peixes,
vulcões que engolem serpentes,
abismo do chão e do nepente.

Disse a flor

Disse a flor,
pendendo o abismo:
“Destrói!”, canta o vento.
“Refulge!”, canta a aurora.
“Fenece!”, bradam os campos.
“Explica!”, diz o homem.
E o pesadelo dos homens
é a alegria dos animais.

Rejubila-te, musa caprina!

Rejubila-te, musa caprina!
Dás respiração a autómatos;
libertas, ao acolheres almas
que antes fugiam pelos telhados;
tanges éguas voláteis como a chuva!
Cisnes sorriem para ti.
Vai e enche de eclipse os ouvidos,
de nomes celestes as frondes,
de sangue cristalino o ar
das cabras e duendes.
Bicorne sob as estrelas,
teu canto há de dissolver mares.

Lupus

Ninfa, joga do céu teu manto de alvorada,
para que fecunde o limo
o passo dos novos centauros.
Torna duas vezes éter
a lembrança de ontem,
pois não mais ofereço partos à lua.
Irmão lobo, eu cantava cordeiros celestes
quando outra música interrompeu
nosso pranto longínquo.
Pois descobri sobre o junco uma lenda
de pastores furiosos
e magos que não mais levitam arcadas.
Descobri-a sobre a grama.

Na litorânea estrada

Na litorânea estrada
que também desemboca
conduzido por raiz desconhecida
e observando ciprestes mais velhos
vi um dia mortos dois anjos.
Na prática dos guerreiros,
em minha casa acolhi
duas luzes estranhas.
Dos ferimentos brotaram
raios de diferente luz,
sóis em chagas.
Quantas incisões mais eu via
cataratas de luz o ar suspendia.
Até sair toda a luz
e eles se tornarem invisíveis.

A serpente

Pelo oco do monte
a serpente balbucia.
Seus olhos brilhantes
são reflexos da estrada.
No fundo da parreira
a serpente se embriaga.

As pessoas passavam

As pessoas passavam,
passavam e não viam
a velha em sua cadeira,
a neta a chorar,
o cavalo descansando
e o leão que vigiava.
Não viram a respiração do cavalo
e aquele olhar felino.
Mas vi-os no arbusto em meio a calçada.

Noite de São João

Noite de São João, vaga criança
que no céu ondeia a luz
e nas fogueiras da memória.
Dança, canção e som agrestes.
Até a solidão
(escudeira da emoção e da morte)
lhe imola incensos.

A dança da morte (em cinco atos)

I. A Providência

Desígnios tão estranhos, tão exóticos,
tu foste, rutilante Providência!
Ampliaste, acabando a experiência
com nortes invisíveis e caóticos!

Sublime devassar ainda pórticos
e rios de grandeza e insuficiência;
ao te estudar no exato e na demência,
certeza arcana e tresvarios óticos!

E humilde como o pó, o vento e a abelha
eu te amo como clépsidra de fadas,
até que o mocho venha e cante: “Morte”,

pois sou uma de tuas mil ovelhas,
aérea campesina e muito agrada
que seja apenas tua a minha sorte.

II. A sereia

Límpidos olhos, risos (farta bruma),
cauda de peixe, cílios coralinos,
bela escama de sol, argêntea espuma,
amo a sereia e seus cantos malignos.

Séu livre canto, de empenados sinos,
lembra o segredo dúctil que costuma
aos que enxergam a lua perder o tino;
e p'ra dentro do mar o homem ruma.

Bela miragem, tão doce e marinha,
bravos Ulisses a si denegriram
amarrados ao vil mastro ideal.

Fiel amante, meu corpo caminha
pelo recife onde algas, rochas miram
um beijo longo e último, fatal!

III. Numa clareira

Outra vez escuto o bosque sombrio,
claras montanhas, árvores escuras,
gentil clareira, amplexo de dois rios,
os cantos solares de aves purpúreas...

Tristeza em rouquidão de mar bravio,
tristeza alada, zéfiro de altura;
das fundas grotas do alto penedão
e de meu ser que teima desventuras.

Volto aos braços das flores, desarranjos,
falso espelho de quem trai esperanças
mas perdeu da esperança célico anjo.

Vã Existência, abismo das lembranças,
por tão perdido amor eu te constranjo?
Natura, dá-me tuas virgens tranças!

IV. Nada

Às bordas de alto e infernal precipício,
na terra pelo orvalho desmembrada
sentei-me e, imaginando um sacrifício,
com teu nome pinteí a aérea estrada.

Ouvindo minhas queixas e baladas,
como sonhos que dormem num suplício,
desceu dos anjos, ígnea trovoada,
singular nave, clara, breve, míssil.

Altivo deus, porém desfigurado,
carregava nas mãos um livro obscuro
onde li teu presente e teu futuro,

em versos que não foram cinzelados.
Pela face Amor já transfigurara,
não minhas, mas as tuas más searas.

V. O cemitério

Entrando na cidade da lembrança,
onde descansam homem, luz e terra
e cada cruz, moinho de criança,
enfeita a coleção de ossos que encerra,

enxergo um esqueleto, e ele dança,
movendo sobre as tumbas faca férrea.
Rebrilha a morte e o riso de matança
vem e nos cobre e nossos olhos cerra.

“Ah! que fantasma é esse que eu só vejo?”
Aflito me pergunto, e ainda não sei
como o não vê o fúnebre cortejo.

Mas eis que, com vagar, vem ele a mim.
Metálica visão, asco de rei,
me diz: “Eis teu enterro! Eis o teu fim!”

O galo

O galo é um vilão
e quer ser precursor da aurora.
Pobre vampiro, não sabe
que o dia é só dos seres
e a noite, das coisas.
E por tanto alardear-se
no meio dos seres e das coisas
expande-se apenas em sons
e paisagens incriadas.
Pobre galo!
Até as nuvens te detestam
e, como dias e noites,
fogem de ti!

Cavalga a terra

Cavalga a terra com o passo leve,
os campos sabem quem os percorre.
Se queres ser irmão do céu,
irmão do abismo,
faz de teu canto uma trombeta
e de todos os lugares, mansarda.
Cavalga o tempo e seus escolhos
não vivas nem morras
nada pode contra ti
e tudo é feito da matéria dos sonhos.
Se há um céu, é para ser contemplado.
Do vetusto profeta não queremos o batismo
de formas pálidas e tristes,
de bocas que saúdam naufrágios.
Mais vale a coroa de espinhos
aos louros que a tola cidade disputa.
Mais valem os versos da selva escura
se banhados em escusas Hipocrenes.

Se o sol dormisse um dia

Ela veio a mim
como a montanha ama
o livre canto desolado
e me ofertou tesouros
escondidos sob a terra.

Ela não deseja as manhãs
mas dorme no jardim ensolarado
ungido de vermelho nas maçãs
de um sonho alucinado.

Ela aspira à alma do passaro,
à boca da serpente
e ao sorriso da enguia.
Adestradora de macacos seria
se o sol dormisse um dia.

Ela é feita de marfim
e tem inveja da lua.

Aonde errarão

Aonde errarão os fantasmas de nossos amigos?
Em que prado juncado de flores
em que boca aberta ao infinito
ou rua sem margens familiares
eles caminham, adornados de sinos?

(Os mortos se aninham como árvores
e sua voz é uma estrela fria).

A ausência embebe-se de si
imantada e contemplativa
como o reflexo de um pássaro no rio,
seu eco submerso.
Os salmos de corais dos afogados
ainda assustam os camarões,
mas aonde errarão os fantasmas de nossos amigos?

Baquiana

A tarde é uma bailarina
de fulgores insuportáveis.
Dá-me o trigo retemperado
e a cerveja de teus vales!
A tarde é uma criança
aprimada em um vitral.
Com o vinho iluminado
o dragão descansa ao sol.
Eu quero a luz dos alquimistas,
das bestas do mar e do céu.
Dá-me o sagitário licor
das criaturas da terra!

IMPRESSÃO E ACABAMENTO POR **RG EDITORA E GRÁFICA**
PARA *DRACO PUBLICAÇÕES FANTÁSTICAS* EM NOVEMBRO DE 2005
FONE: (83)3335-5108 OU 9971-8516 - E-MAIL: RGEDITORA@TERRA.COM.BR



